

---

**TOMO**

---

Artigo recebido e  
publicado em 2004

ORIGENS DA  
URBANIZAÇÃO  
DE UM ENTREPOSTO  
COMERCIAL  
NORDESTINO: O CASO  
DE CAMPINA GRANDE

*William Eufrásio Nunes Pereira\**

## INTRODUÇÃO

**E**ste ensaio procura mostrar as origens da urbanização da Cidade de Campina Grande. Urbanidade que se encontra lastreada principalmente nas atividades comerciais desde o princípio da formação da cidade. Primeiro se constituiu um pouso para tropeiros, conseqüentemente se formou uma feira de gado, e posteriormente as atividades tropeiras e o crescimento da cultura do algodão impulsionarão o crescimento urbano do município. As atividades comerciais apresentaram-se assim como as atividades fundamentais para o crescimento demográfico e a urbanização do município, que outrora recebeu os títulos de “Liverpool Brasileira”, “Capital do Trabalho” e “maior cidade de interior do Nordeste”.

Este “paper” procura assim explicar a gênese da urbanização deste município, tendo como horizonte histórico o período que abrange o sécu-

---

\* Economista, Doutorando em Ciências Sociais (UFRN)  
Professor Assistente do Departamento de Economia da UFRN  
e-mail · willa@ufrnet.br

lo XIX e o século XX. A tese que fundamenta esse trabalho é que as atividades comerciais, principalmente o comércio do algodão, construíram a urbanização da cidade de Campina Grande. É a atividade do comércio (algodão e o comércio atacadista e varejista) que fomenta a construção das estruturas urbanas básicas campinense.

Dessa forma esse ensaio se divide em seis partes. A primeira refere-se a essa introdução. A segunda procura apresentar a gênese histórica e geográfica do município, desde sua formação enquanto vila, com a atividade pecuária até o princípio do comércio algodoeiro. A terceira parte visa mostrar como o algodão surgiu e se consolidou como atividade econômica fundamental e quais os rebatimentos dessa atividade para a construção da hegemonia econômica estadual e a urbanização de Campina Grande. Vale ressaltar que Campina Grande assumiu nesse período a função de entreposto comercial de parte significativa do interior do Nordeste. O desenvolvimento comercial e econômico e a consolidação da estrutura urbana campinense são explanadas na quarta parte do trabalho. Por fim algumas breves considerações a título de conclusão e as devidas referências.

Este pequeno ensaio se constitui em uma breve tentativa de exposição do processo de urbanização de Campina Grande, tendo por base uma visão extramuros da cidade.

## GÊNESE HISTÓRICO E GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO

Campina Grande encontra-se situada nas bordas orientais do Planalto da Borborema, a aproximadamente cento e vinte quilômetros a oeste de distância da Capital do Estado (João Pessoa). Localizada no Agreste da Borborema, a Cidade adquiriu este nome devido as suas primeiras habitações terem surgido em uma grande campina. Em 1769 foi criada a freguesia de Nossa Senhora da Conceição, que passou a ser chamada de Vila Nova da Rainha em 1790 (Pinto, 1938).

No século XVII, os primeiros habitantes desta campina (índios Ariús) foram utilizados pelos colonizadores – família Oliveira Lêdo – que ali chegaram, como vaqueiros para o gado trazido do litoral. Devido à alta

rentabilidade e elevado grau de especialização, o cultivo da cana-de-açúcar cresceu aceleradamente, tornando-se necessário deslocar a criação de animais para o interior do Estado. Estes animais eram imprescindíveis tanto como alimentação – carne, leite, etc – como animais de tiro, mas tornava-se antieconômico criá-los no litoral, já que o cultivo da cana e produção do açúcar apresentava maior rentabilidade. A criação de gado dentro das unidades produtoras de açúcar, tornava-se impraticável, por ser antieconômico – menores taxas de lucro – como também pelo risco do gado invadir os canaviais prejudicando o crescimento da cana, e criando conflitos desnecessários. Assim, a criação foi paulatinamente sendo afastada da plantação de cana. A expansão da economia açucareira dependia crescentemente de maior quantidade de animais de tiro, não apenas para a moagem da cana como também transporte para a lenha, elemento fundamental nos engenhos de açúcar (Furtado, 1977).

O criatório transformou-se em fator imprescindível à penetração e ocupação, tanto do Brasil, como da Paraíba. Furtado nos mostra que a economia criatória era uma atividade fundamentalmente *“induzida pela economia açucareira e de rentabilidade relativamente baixa”* (Furtado, 1977:57), não alcançando os níveis de rentabilidade atingidos pela produção do açúcar mas necessária a produção açucareira. Este fato impulsionou a interiorização da criação.

A pecuária no interior nordestino (e paraibano) possibilitou o crescimento de povoações no interior. A expansão pecuária consistia basicamente no aumento dos rebanhos e incorporação de mão de obra. A economia açucareira controlou inicialmente o processo evolutivo da interiorização e crescimento da pecuária, mas com a crise desta economia, a pecuária assume crescente independência frente a economia açucareira. Com a estagnação da produção açucareira, ampliou-se a migração para o interior, onde a pecuária e a agricultura de subsistência representavam os meios possíveis de sobrevivência para estes emigrantes. A crise da economia açucareira em conjunto com a corrente migratória – litoral-interior – fomentou um lento processo de atrofiamento na economia nordestina. Atrofiamento *“no sentido de que a renda real per capita de sua população, declinou secularmente”* (Fur-



tado, 1977:63), pois o crescimento da população concomitante ao declínio das exportações em uma região pecuária – como a população se alimenta do mesmo produto que exporta – em nada afeta a oferta interna de alimentos e, portanto, a população pode continuar crescendo normalmente mesmo com um longo período de decadência das exportações (Furtado, 1977:63).

O antigo aldeamento dos índios Ariús cresceu e desenvolveu-se tendo como base econômica inicial a pecuária. Posteriormente com o crescimento da imigração do litoral para o interior, cresceu tanto a pecuária quanto a produção de subsistência. A economia pecuária e a produção de subsistência possibilitaram ao aldeamento tornar-se Vila e posteriormente Cidade. A Vila, que foi construída na grande campina, era favorecida com água em abundância e pasto para o animais, além do que a terra demonstrava grande fertilidade para as culturas agrícolas.

Devido a esta “posição geográfica e climaticamente privilegiada”, surge rapidamente uma Feira de produtos aborígenes produzidos pela população. Estes produtos assumem as características de mercadoria (valor de uso e valor de troca),<sup>1</sup> (Marx, 1988) quando chegam ao mercado, que neste período se constituía do encontro semanal entre os pequenos produtores das circunvizinhanças. Esta Feira, porém, não garante *per se* o desenvolvimento da Vila, pois nela habitam apenas pequenos agricultores, vaqueiros, índios, caboclos,<sup>2</sup> etc, pois os grandes fazendeiros e senhores de engenho, residiam em suas propriedades, que tinham autonomia sócio-econômica. A Vila, constituiu-se em ponto de passagem para aqueles que se destinavam ao sertão, pelas poucas estradas ali existentes, onde se criava gado de forma extensiva. Assim a Vila tornou-se “rancho” de descanso para os viajantes da época. A Vila Nova da Rainha contava com uma população relativamente grande, frente as demais Vilas da Província, mas só é elevada a cidade em 1864 (SUDENE,

<sup>1</sup> Os bens comercializados nessas Feiras não eram mercadoria no sentido estrito (produzidas diretamente para o mercado), mas eram bens excedentes da produção de consumo do produtor, que eram colocadas na Feira visando obter outros produtos para suas necessidades básicas.

<sup>2</sup> Os Índios Ariús foram paulatinamente exterminados, expulsos e mesclados com a população branca que chegava para estabelecer-se na Vila.

1962). A cidade crescia lentamente, mas a cultura do algodão impulsionou o crescimento de Campina Grande, tornando-a um centro comercial algodoeiro. Este crescimento econômico foi favorecido no início do século XX pela chegada ao Município da linha de ferro, sob o comando da Great Western Brasil Railway.

No século passado, a cultura do algodão cresceu celeremente promovendo uma verdadeira revolução no Município, possibilitando-o ser conhecido como a “Capital do Trabalho”, “a maior cidade de interior do Nordeste” e a “Liverpool Brasileira”. O comércio do algodão supera o processo produtivo agropecuário, tornando a cidade um centro comercial, cuja principal mercadoria é o algodão. Neste período (1907), chega ao Município o primeiro trem e, posteriormente (1920), os primeiros caminhões. Esses novos meios de transportes fomentam crescentemente o declínio das tropas de burros (tropeiros), através da limitação das rotas e áreas de trabalho dos tropeiros, que se limitam a pequenas rotas no interior do sertão, que ainda não eram atendidas nem pelo trem, nem pelos caminhões. Com o declínio da atividade algodoeira no Município (pós 1940), a atividade coureira e sisaleira permitem ao Município manter seu crescimento econômico, favorecendo a implementação de diversas plantas industriais pós 1960, através dos incentivos da SUDENE (Pereira, 1998).

## CAMPINA GRANDE, O ALGODÃO E O PRINCÍPIO DA ARTICULAÇÃO

A cidade de Campina Grande encontrou no algodão (cultura, beneficiamento e exportação) as protoformas da sua constituição urbana. No fim do século XIX e mais fortemente no início do século XX acelerou-se o crescimento urbanístico da cidade. Porém, da fase inicial de sua formação até meados do século XIX, a economia do Município era dominada pela agropecuária, ou seja, produziam-se alimentos para o consumo da Zona da Mata, como também algodão e gado. Neste período a urbanidade da cidade era praticamente inexistente. Na segunda metade do século passado, dá-se o crescimento da produção devido às condições – predominantemente o preço – internas e externas favoráveis.

Por adquirir crescentemente um valor comercial, há um impulso em produzir não apenas para o mercado interno, mas principalmente para o externo. Diversos fatores fomentaram o desenvolvimento da produção do algodão no Brasil e, principalmente, no Nordeste. Fatores que fomentam o crescimento do algodão, desde a segunda metade do século passado até o início deste século. Entre os principais fatores que impulsionaram o desenvolvimento da cultura do algodão no Nordeste, faz-se necessário ressaltar:

- a) o crescimento abrupto da utilização da fibra nas indústrias têxteis do Brasil e do mundo;
- b) a interrupção do fornecimento do algodão para o mercado mundial pelas Colônias Francesas nas Antilhas (durante as Guerras napoleônicas no começo do século XIX);
- c) o arrefecimento da produção dos algodoads norte-americanos no decorrer da Guerra de Secessão, na década de 1860;
- d) o desenvolvimento das indústrias têxteis no Brasil; e,
- e) o crescimento da demanda por tecidos devido ao crescimento populacional (Aranha, 1991).

O Nordeste, climaticamente favorável à produção de algodão, volta-se intensamente para a produção desta fibra. O crescimento abrupto da produção de algodão é patrocinado pelo capital internacional em conjunto com o capital nacional, promovendo também profundas transformações nas relações de produção no campo. Inserida neste contexto de intenso fomento ao crescimento da produção de algodão, Campina Grande vai, paulatinamente, deixando de ser um produtor para assumir uma função eminentemente mercantil devido não apenas à sua localização, mas também a grande população (mais de 70 mil habitantes em 1920) e à estrutura agrária, constituída de muitos pequenos agricultores, arrendatários, moradores e poucos latifundiários (Pereira, 1998).

O capital mercantil incentiva o crescimento da produção de algodão no Estado através da compra do produto a preços relativamente altos, caso leve-se em consideração os preços de outros produtos agrícolas.<sup>3</sup> O

<sup>3</sup> Entre 1858 e 1976, o preço do algodão esteve relativamente alto, quando se observa o preço do algodão na segunda metade do século XIX. Estes altos preços incentivaram crescentemente a produção algodoeira. O ano de 1863 apresenta-se como um dos anos de preços mais elevados do algodão, alcançando 41,6 cents por libra-peso. Dados obtidos em Vasconcelos (1980).



crescimento desta cultura não impulsionou uma maior absorção de mão de obra, pois se utilizaram os trabalhadores já estabelecidos em suas propriedades ou que tinham acesso à terra. Uma maior absorção de mão de obra ocorrerá no processo de beneficiamento do algodão, que acontecerá com intenso vigor no início do século XX.

Dentro do Estado, o Município de Campina Grande paulatinamente hegemonizava os demais Municípios, através de sua liderança no comércio do algodão. Esta hegemonia caracterizava-se basicamente pela preponderância de Campina Grande no crescimento de sua economia relativamente superior aos demais Municípios. Conseqüentemente atraía mais investimentos do que os Municípios que apresentavam relativo nível de atividades comerciais.

O processo de exploração do trabalho dentro da cultura do algodão, possui características tradicionais ou pré-capitalistas, no qual o trabalhador recebe seu salário de diversas formas: em espécie, em dinheiro (poucas vezes), ou aparece como co-participante do processo produtivo, junto com o latifundiário capitalista. Assim, no processo produtivo do algodão, temos formas tradicionais ou pré-capitalistas de produção (foro, meação, moradores) agindo conjuntamente com formas mais capitalistas de produção (agricultores capitalistas, embora fossem minorias), enquanto as formas de circulação são puramente capitalistas.

O algodão surgiu na Paraíba como uma alternativa econômica à atividade declinante do açúcar e dos couros, assumindo o predomínio - no que se refere às quantidades exportadas e receitas obtidas - no final do século passado. Devido principalmente à diferença entre os preços destes produtos, pois o preço do algodão crescia em detrimento dos demais. Consorciado com outras culturas, o algodão permitiu um aumento na renda dos agentes sociais (dos grandes fazendeiros aos pequenos agricultores) envolvidos com o produto. Na citação abaixo podemos compreender o processo de consorciação do algodão:

a plantação do algodão, quando não era feita pelo proprietário da terra, o era por agricultores que denominaram-se "moradores", fazendo a partilha do algodão colhido com aqueles que lhes cedessem a terra coincidindo com o término das colheitas, estava o

início da entressafra, quando os agricultores devolviam as terras como restolho das chuvas, sendo as terras utilizadas como pastagens até o início do período das chuvas, quando o gado era novamente colocado em áreas com pastagens naturais. (Vasconcelos, 1980:23)

A meação, a parceria, o arrendamento eram muito comuns em todas as micro-regiões, porém no Sertão dificilmente encontrava-se o arrendatário. Campina Grande contava praticamente com todas as formas supracitadas de relações de produção e de trabalho pré-capitalistas, fato que favoreceu seu crescimento rural e urbano, pois as pessoas envolvidas com o campo, dentro dessas formas citadas, tenderam a mudar-se para o centro urbano.

O crescimento populacional ocorre fundamentalmente após 1864, quando a Vila foi emancipada. Antes que a cultura do algodão fosse implementada na micro-região do Município, Campina Grande era apenas “um incipiente centro urbano, onde as atividades mercantis se concentravam” (PMCG, 1984:17). Mas a partir de 1864 ocorre um rápido incremento populacional, que se deve basicamente ao crescimento do comércio algodoeiro que crescia concomitantemente à produção algodoeira. Em 1888, Campina Grande já “era vista como a mais populosa localidade paraibana: com cerca de 4.000 habitantes, a Cidade crescia e, em 1892, contava com 400 prédios, chegando lentamente a 731 casas em 1907...” (PMCG, 1984:1).

Os investimentos públicos em conjunto com os investimentos privados fomentaram o desenvolvimento do Município, que não conhecera crise no seu crescimento econômico até a década de 60. Os investimentos privados ocorridos no Município não se devem apenas à sua localização (do Município), mas foram realizados devido à possibilidade de lucro, decorrentes do dinamismo da economia algodoeira no Município. Os investimentos permitiram o desenvolvimento e a assunção da função regional de centro mercantil de comércio do algodão pelo Município. Este fato não se explica apenas “pela sua posição geográfica no contato com regiões que apresentam características econômicas diversas”... (PMCG, 1984:62), mas também por outros fatores históricos e sócio-econômicos, construídos pela interação das relações de produção.



A tese geodeterminista para o desenvolvimento econômico das cidades tem sido criticada por inúmeros estudiosos, e a aplicação dessa tese para o caso de Campina Grande apresenta-se como um reducionismo, para não se dizer um equívoco. Os estudos sobre a questão, em particular os de Aranha (1991) e Lima (1996) não explicam totalmente as causas do desenvolvimento de Campina Grande. Ao se rejeitar a explicação geodeterminista, não se nega a influência dos condicionantes geográficos, para o desenvolvimento da economia do Município, mas deve-se ressaltar que essa influência não é determinante. Até porque a existência da ação humana transforma o meio geográfico modificando posições consideradas ou não como privilegiadas geograficamente.

A posição geográfica torna-se privilegiada apenas quando o padrão de acumulação vigente a define como tal. Um determinado locus geográfico somente se tornará privilegiado quando apresenta características *sui generis* para um determinado padrão de acumulação.

Outros fatores secundários se tornaram importantes para o crescimento do Município de Campina Grande. Além da localização privilegiada, a população – considerada grande para a época – a infra-estrutura de estradas, açudes, imóveis, a proximidade com outros centros populacionais, etc, permitiram aos capitais predominantemente comerciais um melhor investimento no local. Estes fatores permitiram que a produção e principalmente o comércio, crescessem abruptamente no início deste século.

Explicitando melhor. O desenvolvimento das estradas, transportes e comunicações fomentaram o crescimento da articulação comercial (principalmente intra-regional), possibilitando que determinados Municípios tornassem-se hegemônicos em relação aos demais. Hegemônicos no que se refere à concentração de estabelecimentos comerciais, industriais, e de serviços, que viabilizavam a dependência dos demais Municípios para com o centro hegemônico. Esta hegemonia foi favorecida – segundo defendem alguns estudiosos – por certos aspectos inerentes a essas áreas: posição geograficamente privilegiada<sup>4</sup>; infra-estrutura bá-

<sup>4</sup> Muitos autores superestimam este aspecto, dando-lhe importância determinante no crescimento da função centro-mercantil de inúmeras áreas. ver. Aranha, 1991; Vasconcelos, 1980; PMCG, 1984 e Lima, 1996.

sica de médio porte instalada; população relativamente grande, capital atuante suficiente para a implantação de estabelecimentos comerciais; cultura comercial, etc. Ora, este aspecto “posição geograficamente privilegiada” não explica por que este ou aquele Município assumiu a hegemonia sobre os demais, em detrimento dos outros Municípios circunvizinhos. Uma posição somente torna-se geograficamente privilegiada quando existem projetos e/ou intenções – definidas a priori – de investimentos, frutos do desenvolvimento de uma estrutura produtiva que se expande continuamente. Os demais fatores secundários também deixam a desejar, no que se refere a uma explicação plausível para a hegemonia destes Municípios sobre os demais. Pois são conseqüências do desenvolvimento histórico-econômico da sociedade (Pereira, 1998).

Nos fins do século XIX, tem início o desenvolvimento da Cidade, consolidando sua hegemonia sobre as demais praças (Guarabira, Areia, Alagoa Grande, Itabaiana, etc) com a instalação da linha de ferro e com a chegada do primeiro trem em 1907. Nas décadas de 1920 e 1930, o Município torna-se um centro mercantil de comércio algodoeiro, considerado como “uma Liverpool brasileira”. Somente após a instalação da linha férrea, é que se pode atribuir ao Município a função de centro mercantil e beneficiador de algodão (Aranha, 1991). A linha de ferro possibilitou não apenas a hegemonia de Campina Grande sobre as demais cidades paraibanas, mas também permitiu que o algodão fosse comercializado diretamente com a praça exportadora (Recife).

Tabela 1

Paraíba – Participação do Algodão, do Açúcar e do Couro na Formação da Receita Estadual: 1893 a 1908 (1:000\$ - mil réis)

ANOS	Algodão (A)	%	Açúcar (B)	%	Couro (C)	%	Receita Total do Estado (100%)
1893	455:586\$	42,1	55:078\$	4,7	11:011\$	1,0	1.081:812\$
1894	270:969\$	26,0	77:691\$	5,5	17:331\$	1,6	1.040:810\$
1895	222:369\$	21,1	46:977\$	4,5	21:253\$	2,0	1.053:313\$
1896	266:316\$	23,5	78:018\$	6,8	19:654\$	1,7	1.132:850\$
1897	305:976\$	25,6	49:605\$	4,1	37:858\$	3,1	1.192:555\$
1898	288:588\$	23,0	51:281\$	4,1	86:923\$	6,9	1.250:121\$
1899	312:400\$	26,6	58:557\$	4,9	57:844\$	4,9	1.172:525\$
1900	394:668\$	31,5	45:838\$	3,6	41:871\$	3,3	1.250:475\$
1901	274:622\$	21,7	26:476\$	2,0	31:718\$	2,5	1.262:893\$
1902	430:552\$	28,5	30:867\$	2,0	30:278\$	2,0	1.506:586\$
1903	589:340\$	30,5	32:439\$	1,6	41:703\$	2,1	1.930:880\$
1904	374:533\$	23,8	13:220\$	0,8	92:213\$	5,8	1.567:978\$
1905	469:881\$	30,2	26:855\$	1,7	49:350\$	3,1	1.551:947\$
1906	550:225\$	27,2	37:583\$	1,8	36:540\$	1,8	2.018:424\$
1907	773:731\$	34,4	22:559\$	1,0	56:153\$	2,4	2.247:130\$
1908	557:225\$	29,6	27:397\$	1,4	65:471\$	3,4	1.876:501\$

FONTE: In: Vasconcelos (1980) e Almanaque da Paraíba - ano 1909.

Durante o período, a Receita Total da Paraíba era formada por 31 itens. Média da participação de (A) + (B)+(C) no período igual a 34%. Média da participação do algodão igual a 27, 8%.

A Tabela 1 indica-nos a importância que a cultura do algodão assume para a formação da receita estadual da Paraíba. Com base no predomínio do algodão sobre as demais culturas, e considerando que Campina Grande assumiu a liderança e o domínio do comércio do algodão, podemos atribuir ao Município relevante participação na formação da receita estadual.

Dentro de um contexto de intensa atividade econômica algodoeira, há o contínuo desenvolvimento sócio-econômico municipal. E este desenvolvimento é proficuamente fomentado pelo crescimento das ativi-



dades vinculadas ao algodão (produção e circulação). A linha de ferro e o algodão permitiram ao Município inserir-se plenamente no processo de articulação comercial, pois Campina Grande ampliou consideravelmente sua influência e comércio para com as demais regiões e micro regiões do Estado. Antes da linha de ferro, o comércio campinense era predominantemente composto por produtos agropecuários de pouca expressão fora do Agreste da Borborema. Mas com o algodão, diversificou-se seu comércio e foi ampliada sua área de hegemonia.

**Tabela 2**

Paraíba e Campina Grande - Produção, Exportação e Renda Nominal da Exportação de Algodão. 1919-1924

ANO	PARAÍBA		CAMPINA GRANDE			
	EXPORTAÇÃO (toneladas)	RENDA NOMINAL*	EXPORTAÇÃO (toneladas)	RENDA NOMINAL*	Participação relativa**	Participação relativa ***
1919	8.227	18.740	5.210	11.289	60,2	63,3
1920	11.716	-	10.316	-	-	88,0
1921	-	-	8.976	-	-	
1922	-	-	10.526	-	-	
1923	-	-	14.053	-	-	
1924	14.000	93.338	9.104	65.361	70,0	65,0

Fonte: Tabela organizada a partir de: MARIZ, 1938; VASCONCELOS, 1985 e ARANHA, 1991.

\*Valores em contos de réis

\*\* Participação da renda nominal de Campina Grande na renda nominal do Estado.

\*\*\*Participação das exportações de Campina Grande nas exportações do Estado.

Obs: Preço da arroba de algodão: 1919 (34\$166) ; 1924 (100\$000)

Ao transformar Campina Grande em um entreposto mercantil, o crescimento do comércio algodoeiro subordinou sua continuidade funcional à cidade do Recife, que atuava como principal centro exportador do Nordeste. As relações comerciais que se estabeleceram entre Campina Grande e Recife possibilitaram à primeira manter o crescimento econômico através do comércio algodoeiro. Dentro deste contexto, a cidade de Recife apresenta-se como fator de impulso ao crescimento econômico

campinense, através das crescentes relações comerciais que se estabelecem entre as duas cidades.

Quando se observa a evolução da exportação e comercialização do algodão no Estado da Paraíba e em Campina Grande através da Tabela 2, pode-se observar a hegemonia campinense na formação da renda do Estado, por assumir crescentemente a comercialização e exportação do algodão. Em 1919, Campina Grande participava com mais de 60% da renda nominal do algodão, e este percentual cresce substancialmente nos anos seguintes, alcançando, em 1924, 70%.

**Tabela 3**

Comparativo das produções de algodão em caroço (em Kg) entre os Estados da Paraíba e São Paulo: 1900 a 1940

Anos	Paraíba	São Paulo.	Anos	Paraíba	São Paulo.
1901	4.890.460	1.914.525	1921	12.433.118	13.188.490
1902	7.536.472	1.227.633	1922	26.270.588	13.599.315
1903	9.354.496	2.721.165	1923	28.000.000	25.371.000
1904	7.055.798	2.558.493	1924	20.000.000	26.895.847
1905	7.006.024	3.229.200	1925	15.200.000	16.508.385
1906	8.551.200	4.695.885	1926	29.000.000	8.644.288
1907	10.760.973	3.784.815	1927	22.000.000	9.977.358
1908	7.902.813	4.272.888	1928	19.000.000	4.434.850
1909	9.386.019	5.071.995	1929	29.000.000	3.924.244
1910	13.531.122	6.598.401	1930	18.000.000	10.500.000
1911	14.253.061	5.621.401	1931	23.000.000	21.500.000
1912	16.574.745	11.945.250	1932	9.676.017	34.700.000
1913	19.440.526	2.828.475	1933	23.330.745	105.000.000
1914	12.051.752	3.914.496	1934	40.000.000	124.000.000
1915	11.285.961	7.346.867	1935	48.833.000	176.345.000
1916	13.201.378	11.122.426	1936	35.414.000	215.667.000
1917	16.664.376	13.913.334	1937	37.998.000	245.790.000
1918	9.881.471	49.616.910	1938	32.000.000	287.901.000
1919	6.581.820	20.647.345	1939	35.000.000	295.240.000
1920	9.372.868	25.904.277	1940	50.000.000	307.372.000

Fonte: IN: Vasconcelos, 1980:84

A falta de alguns dados (preços do algodão, quantidades exportadas) não nos impede de crer que a participação de Campina Grande na exportação deste produto tenha efetivamente aumentado, pois como pode ser observado na Tabela 3, a produção de algodão na Paraíba cresce continuamente, possibilitando ao Estado ser o principal produtor até 1932, quando o Estado de São Paulo passa a ser o principal produtor.

## DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA, COMERCIAL E A URBANIZAÇÃO CAMPINENSE

O desenvolvimento do comércio de Campina Grande ocorre após 1907, quando a linha de ferro chega ao Município, pois se tornou o transporte fundamental para levar o algodão e trazer mercadorias do Recife. No período que antecedia o início deste século, o comércio de Campina Grande limitava-se às mercadorias e aos produtos agropecuários manufaturados nas imediações. Entre 1907 e 1930, o comércio tende a crescer, mas com diversificação limitada, pois as mercadorias aqui comercializadas eram as trazidas do Recife, ou produzidas no agreste (artesanato, produtos agrícolas e pecuários), ou o algodão trazido de outras micro-regiões. A hegemonia comercial campinense acelera-se com a chegada da linha férrea, pois em 1909 o Município superava, em número de estabelecimentos comerciais, todas as principais cidades do interior.<sup>5</sup> O Município desenvolveu-se rapidamente com a construção da linha férrea e

transformou-se em ponto terminal de trens e para ali convergiam tropeiros e boiadeiros de todo interior. Mesmo sem ter propriamente independência [pois o Município dependia da cidade do Recife, no que se refere à exportação do algodão econômica o comércio estabilizou-se. Em breve, caracterizou-se como grande centro de atividades mercantis. Da noite para o dia, começaram a surgir colégios, cinemas, clubes, armazéns de mercadorias, trânsito de estivas e de algodão em pluma por mercado (PMCG, 1984:42).

<sup>5</sup> Segundo dados levantados em Câmara (1947), existia em Campina Grande no ano de 1909, 95 estabelecimentos comerciais. João Pessoa detinha 274 estabelecimentos, Mamanguape 85, Alagoa Grande 72 e Itabaiana 58.



Após a chegada da linha férrea, cresceu substancialmente o número de firmas ligadas ao beneficiamento do algodão. Vasconcelos identifica 39 firmas ligadas ao algodão em Campina Grande no ano de 1925.<sup>6</sup> Na década de 1920 surgem também as primeiras indústrias, não ligadas ao beneficiamento do algodão, que diversificam a estrutura industrial do Município. Esta década pode ser vista como a década da diversificação das atividades comerciais, pois surgem em Campina Grande inúmeros estabelecimentos comerciais atacadistas e varejistas. Os estabelecimentos atacadistas limitavam-se, nos anos anteriores a 1930, à compra e venda do algodão, enquanto o comércio varejista visava atender as necessidades mais imediatas da população ali residente. Porém, com o crescimento populacional – favorecido pelo crescimento natural da população, e pelos imigrantes que chegavam ao Município em busca de emprego e melhores condições de vida – ocorre um crescimento no número de estabelecimentos varejistas, visando atender este novo mundo urbano que se organiza a partir das atividades econômicas vinculadas ao algodão. Diversos foram os funcionários públicos que abandonaram seus empregos para montar pequenos negócios – normalmente de estivas e cereais – em Campina Grande.<sup>7</sup>

Na década de 1930 ocorre um crescimento industrial mais diversificado. Além de outras indústrias beneficiadoras de algodão, surgem as primeiras indústrias mecânicas, tecelagens, etc, favorecendo a absorção de mais mão de obra, como também ampliando a diversificação

<sup>6</sup> A indústria Rossbach Brazil Company, beneficiadora e exportadora de algodão é identificada como uma das pioneiras a instalar-se e a operar em Campina Grande. Mas não foi encontrado registro concreto de sua atuação na cidade. Vasconcelos faz breve citação sobre esta empresa. A firma norte-americana Anderson Clayton & CIA. também operou no Município, encerrando suas atividades em 1968. Sobre as pequenas firmas de beneficiamento e prensagem do algodão ver Vasconcelos, (1980:73).

<sup>7</sup> Grandes comerciantes da década de 1920 em Campina Grande incrementaram seus negócios, diversificando-os. Encontramos nas entrevistas realizadas por Dinoá (1995) que muitos foram os comerciantes que pressionados pela crise do algodão, ou mesmo pela visão inovadora, diversificaram amplamente seus investimentos, como também diversos funcionários públicos deixavam seus empregos para montarem pequenos estabelecimentos comerciais.

estrutural da economia do Município. As indústrias Sanbra e Anderson Clayton - as duas maiores empresas a se instalarem em Campina Grande - paulatinamente concentraram a compra, venda, beneficiamento e intermediação do algodão, em detrimento das inúmeras pequenas firmas de beneficiamento do algodão (Aranha, 1991).

O capital financeiro começa a atuar na década de 1920, com uma agência do antigo Banco do Brasil, porém somente consolida sua posição de fomentador de crédito regional na década de 30. Na Paraíba no início do século, existiam nove estabelecimentos bancários, dos quais três tinham sede em Campina Grande. O Banco Auxiliar do Povo (1928), o Banco dos Empregados do Comércio (1929) e o Banco de Campina Grande (1933) atuavam em conjunto com a Caixa Rural e Operária (1930), fomentando o crédito. (Vasconcelos, 1980).

A articulação comercial inter-regional deve-se não apenas ao impulso fornecido pelo desenvolvimento da economia algodoeira, mas principalmente a dois determinantes básicos macro-regionais. Estes determinantes foram:

...a busca desesperada, empreendida pelos produtores nordestinos de escoamento dos seus excedentes, antes colocados no comércio internacional... [como também a necessidade que]...a indústria nacional, concentrada regionalmente no Sudeste e em São Paulo, que logo cedo teve de se voltar para os mercados das demais regiões brasileira. (Guimarães Neto, 1989:49).

Segundo Guimarães Neto, este segundo determinante "*representa o elemento primordial de constituição e consolidação do mercado interno brasileiro*", (Guimarães Neto, 1989:49) e que, no nosso entender, favoreceu o processo de diversificação não apenas do comércio, mas da economia como um todo, além de fomentar proficuamente o desenvolvimento urbano do Município. Campina Grande absorveu todos os impulsos fornecidos por estes determinantes do processo de articulação comercial, colocando no mercado intra e inter-regional seus produtos (principalmente o algodão), e acolhendo as demais mercadorias extras regionais.

Até 1930, predominava no comércio de Campina Grande as atividades de compra e exportação de algodão, embora nesta década crescesse rapidamente o número de estabelecimentos comerciais atacadistas, varejistas, as indústrias, os bancos, etc. Ocorre neste período intensa diversificação econômica, fomentada internamente pelo comércio. O crescimento populacional muito ajudou no processo de diversificação das atividades econômicas. Nessa década aumenta consideravelmente o número de veículos automotores na Cidade. Os primeiros caminhões surgem em Campina Grande em 1920, e tornam-se os principais meios de transportes de mercadorias. O crescimento dos transportes automotivos é tão rápido que, em 1928, Campina Grande já contava com três agências de automóveis, sendo duas da Ford e uma da Chevrolet, que vendiam principalmente caminhões (Aranha, 1991:266).

Os automóveis que chegavam a Campina Grande eram montados e distribuídos inicialmente na cidade do Recife e posteriormente redistribuídos para todo o Nordeste. Tais automóveis chegavam ao Município pela linha férrea, e os caminhões adquiridos pelos abastados da época, normalmente transportavam mercadorias para o interior do Estado, para os demais estados e micro-regiões que não contavam com linhas de ferro. Ao transportar mercadorias, os caminhões possibilitavam a comunicação entre as regiões, como também favoreciam a plena articulação comercial entre os Estados da Região Nordeste. Na década de 1930 Campina Grande passa a contar com empresa de transportes de passageiros, que interligava Campina Grande a Cidade de Pombal. A empresa viação Espinhara também realizava a entrega de malotes postais (Dinoá, 1995).

Evidentemente, o processo de articulação comercial somente foi possível, nessa intensidade, devido ao desenvolvimento da estrada de ferro e das estradas de rodagens. Na citação abaixo, podemos ter a dimensão do comércio de mercadorias entre os Estados Nordestinos.

Do Maranhão, vem arroz, goma de mandioca, coco de babaçu e, para lá, em troca, Campina Grande manda açúcar, fósforos, papel de embrulho, biscoitos, sardinhas, soda cáustica, cimento, bebidas em geral, manteiga. Do Piauí, em troca desses produtos vem arroz, feijão e



milho. Do Ceará, cereais, do Rio Grande do Norte, cereais e sal. Do resto da Paraíba, Campina Grande recebe algodão e agave [sisal], minérios e cereais. Até o Brejo está se abastecendo em Campina Grande. De Pernambuco, através de importadores recebe açúcar, bacalhau, chapas de ferro galvanizadas, mais algodão, cereais, milho, feijão, farinha de mandioca. Para Alagoas, manda principalmente corda de agave, sal do Rio Grande do Norte e arame farpado importado, como também bacalhau do Recife, recebe em troca feijão, trigo, mucuri, mamona, agave e até gado em pé; para lá envia álcool, biscoitos, chumbo de caça, corda de agave, fósforos, bebidas, doces em pacote e em lata (Rios, 1963:223).

Esta diversificação comercial foi possível não apenas pelo desenvolvimento das estradas de rodagens (e linha de ferro) e das comunicações, mas também pela diversificação industrial ocorrida a partir da ascensão da economia algodoeira. O abastecimento das necessidades básicas da população tornava-se imprescindível, urgindo assim um crescimento diversificado nos estabelecimentos comerciais do Município.

Procurando sistematizar as fases ocorridas no processo de desenvolvimento comercial campinense, visando uma melhor compreensão para as vicissitudes ocorridas com este sub-setor da economia, Pereira (1998) delimita quatro fases, pelas quais passou o comércio de Campina Grande.<sup>8</sup>

- a) **Comércio Primário e Nativo.** Constituído como a primeira fase comercial do Município e que o aglomerado urbano era ínfimo. Não existia na cidade estruturas que caracterizassem uma urbanidade. As atividades comerciais caracterizavam-se basicamente por envolver bens primários, artesanais, comercializados (em sua maior parte) apenas com localidades próximas. Pouco comércio havia com regiões mais distantes (sertão por exemplo), e quando existente, era feito por tropeiros. Este período ocorre dos primórdios ao fim do século XIX (Aranha, 1991).

<sup>8</sup> Não há uma periodização classificatória sobre o comércio Campinense conhecida. Alguns esforços foram feitos por alguns sociólogos e historiadores, mas não definiram concretamente fases, nem o processo pelo qual as fases se sucedem. Uma tentativa de classificação pode ser encontrada em Aranha (1991).

b) **Comércio Algodoeiro.** Nos fins do século XIX, o algodão começa a assumir paulatinamente a hegemonia comercial sobre os demais produtos comercializados no Município. Esta hegemonia é consolidada com a chegada da linha férrea ao Município em 1907. A implantação da estação ferroviária é um marco para a urbanidade do município, pois liga Campina Grande diretamente ao Recife, permitindo tanto o transporte de cargas como também o de passageiros. O processo de comunicação e integração com outros centros comerciais possibilita uma diversificação maior dos produtos comercializados no Município. Esta comunicação e integração são garantidas pela linha férrea. Com a linha de ferro, inúmeros outros empreendimentos são fomentados na cidade. Esta fase conta basicamente com duas etapas.

b.1) etapa de ascensão da hegemonia algodoeira, de 1900 a 1935. Neste período o peso maior do comércio, centra-se nas atividades de compra, beneficiamento e exportação do algodão (Aranha, 1991; Vasconcelos, 1980). É neste período, principalmente na década de 1920 que empreendimentos e estruturas eminentemente urbanas (bancos, concessionárias, hospitais etc.) são implantadas na cidade (Pereira, 1998).

b.2) etapa de declínio da hegemonia algodoeira, de 1935 a 1955, quando o algodão vai perdendo lentamente sua importância no comércio do Município (Mariz, 1939; Pereira, 1998).

c) **Comércio Predominantemente Diversificado.** Entre 1940 e 1960, Campina Grande ocupou uma posição de entreposto atacadista no Nordeste, atuando como uma espécie de "filial" do comércio do Recife para o interior nordestino. Por ser entrecruzada por diversas rodovias, tornou-se favorecida no que se refere ao potencial de comercialização de mercadorias para o interior norte do Nordeste. Neste período, o comércio atacadista e varejista predomina na economia do Município, tornando-o conhecido com centro atacadista no Nordeste. O comércio atacadista além de diversificado tinha um poder de irradiação enorme, atingindo todo o norte da região Nordeste, além do próprio Estado da Paraíba (Vasconcelos,

1980; Rios, 1963). Vale ressaltar que nesse período a cidade já conta com significativa população urbana, alcançando no fim do período (1960) mais de 200 mil habitantes. Encontra-se já instalada na cidade toda a estrutura de fornecimento de bens públicos e coletivos (água, energia, hospitais, escolas e faculdades).

- d) **Comércio Diversificado e Relativamente Declinante.** Com a crescente industrialização do Brasil e do Nordeste (via incentivos da SUDENE), pós 1955, cresce o quantum de novas mercadorias oferecidas no mercado brasileiro. Com o crescimento diversificado dessas mercadorias, em conjunto com o desenvolvimento dos transportes e comunicações, há uma inflexão na participação do comércio na economia do Município. O comércio, principalmente o atacadista, declina consideravelmente em importância. Além do mais, a participação da indústria no Município cresce substancialmente, nas décadas de 1960 e 1970 (Rios, 1963, PMCG, 1984, Dinoá, 1995). Nesse período que o município se industrializa tardiamente, como a industrialização nordestina.

A urbanidade de Campina Grande vincula-se diretamente à primeira metade do século XX, ou seja, no período em que o comércio algodoeiro apresenta rápido crescimento econômico implicando consecutivamente no desenvolvimento urbanístico do município. Esse processo de urbanização se dá principalmente quando o comércio algodoeiro é beneficiado pela chegada do trem em 1907. A chegada da ferrovia torna-se o marco para o município, pois o liga diretamente e rapidamente ao Recife possibilitando um significativo avanço nas relações comerciais entre as duas cidades. O trem agiliza o transporte de mercadorias e de pessoas, incrementando as possibilidades de crescimento de Campina Grande através da atração de comerciantes, empresários e trabalhadores (nacionais e estrangeiros)<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Podemos encontrar diversos estrangeiros em Campina Grande, que vieram da Europa para "fazer fortuna" no Brasil. Em Dinoá (1995) podemos encontrar entrevistas com alguns desses estrangeiros.



Evidentemente o desenvolvimento urbanístico consolida o desenvolvimento econômico por propiciar o espaço físico para as atividades econômicas, por favorecer a consolidação do mercado e criar e dar condições estruturais para as atividades sociais e políticas que garantem o funcionamento pleno das atividades econômicas.

Na primeira metade do século XX encontraremos em Campina Grande um célere processo urbanístico que se concretiza no estabelecimento de atividades acessórias ao processo produtivo. Campina Grande contava em 1920 com uma infra-estrutura urbana que congregava um aglomerado de 70.806 habitantes. Essa população era atendida por cinco médicos, um posto de saúde e algumas poucas farmácias. A iluminação pública foi inaugurada em 1920, mas de forma muito precária.<sup>10</sup> Em 1925 ocorre a inauguração do mercado público e, no ano seguinte (1926), o tráfego de bondes movidos à gasolina substitui os bondes puxados à força animal. Encontramos na década de 1920 a existência de lojas maçônicas na cidade, sendo a primeira fundada em 1923. Os empreendimentos culturais no município surgem no início do século XX com a construção de cinemas<sup>11</sup> e, posteriormente, surge o teatro (1925).

Em 1936 a Cidade contava com 14,6 mil prédios, 15 indústrias, 5 estabelecimentos bancários, colégios, cinemas, clubes, etc, e uma população de aproximadamente 100.000 habitantes. O primeiro hospital (Pedro I) foi inaugurado em 1932 e Correios e Telégrafos em 1933, substituindo o antigo serviço de telégrafo instalado no século XIX. A primeira usina de pausterização de leite no município iniciou suas atividades em 1934. No ano seguinte o Rotary Club é instalado em Campina Grande.

---

<sup>10</sup> Em 1920, o Sr. João da Costa Pinto, vindo do Recife autorizado pelo Prefeito de Campina Grande, Cristiano Lauritzem, adquiriu de uma firma de São Paulo, um motor para geração de energia elétrica, de 100 CHV, de fabricação alemã, com dínamo de corrente contínua, com 65 mil velas, pesando três mil quilos, pelo valor de dezoito contos de réis.; ver Livro do Município de Campina Grande (PMCG, 1983).

<sup>11</sup> Em março de 1909 surgiram os primeiros cinemas em Campina Grande, sendo o primeiro em março e o segundo (cinema Popular) em junho. Em 1912 é construído o cinema Apolo e em 1918 o cinema Fox. No ano de 1934 surge o cinema Capitólio e em 1958 surge o Babilônia.

A energia elétrica e o abastecimento de água do município são inaugurados na década de 1940. Nessa década são implantados em Campina Grande o II Batalhão de Polícia Militar (1940) e a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (1949). O crescimento de Campina Grande foi favorecido em 1956 pela inauguração do fornecimento da energia elétrica de Paulo Afonso (Cia. Hidrelétrica do São Francisco) (PMCG, 1984). Na década de 1950 o município passa a contar com: um corpo de Bombeiro Militar (1953), o Lions Club (1955), o Serviço Social do Comércio (1950), o Clube Aquático de Bodocongó (1950) e o Aeroclube (1958).

No que se refere à existência da mídia escrita, Campina Grande inaugurou seu primeiro jornal em 1888. Nesse ano, além do "Gazeta do Sertão", foram inaugurados os jornais "O Álbum" e "O Alfinete". Entre 1889 e 1960 foram criados mais de 40 jornais em Campina Grande, que em sua maioria apresentavam vida muito curta. O rádio profissional no município foi inaugurado em 1949 com as rádios Cariri e Borborema, seguida pela rádio Caturité em 1951. O primeiro canal de televisão chegou ao município apenas em 1966.

Na década de 1960 o município de Campina Grande já era servido por três mercados públicos, dois mercados particulares, e um estabelecimento particular do tipo de auto-serviço<sup>12</sup>, representando para os Municípios circunvizinhos uma praça diversificada de comercialização varejista. Estes mercados públicos recebiam grande quantidade de consumidores nos dias de Feira. E em Campina Grande a tradição popular de ir à Feira tendeu a centralizar o comércio em determinadas ruas do Município. Embora houvesse Feiras diversas em outros locais da Cidade, a Feira Central destacava-se pelo seu porte e variedade. A Feira "funciona como foco de atração das populações suburbanas, rurais e também economicamente marginais, que nela podem vender seus produtos e dessa forma obter recursos para adquirir os artigos de primeira necessidade" (Rios, 1963:64).

<sup>12</sup> Em 1962, existiam em Campina Grande, o Mercado Público Central (Feira Central ou a Feira Grande, como era conhecida), o Mercado Público da Liberdade, o Mercado Particular da Prata, o Mercado particular da Estação Rodoviária, e o Supermercado Servix de auto-serviço. Além destes, existiam no bairro Alto da Conceição uma Feira de menor importância frente as demais.

Essas informações nos permitem perceber o célere crescimento urbano da cidade e como esse crescimento se vincula às atividades produtivas estabelecidas no município. As transformações sofridas pela economia do município implicam em conseqüentes mudanças na urbanidade, que evidentemente não são analisadas nesse trabalho, mas que o poderão ser em trabalhos futuros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação sócio-econômica e a urbanização campinense originaram-se dentro de um contexto em que as relações mercantis dominavam as relações produtivas. Assim o Município desenvolveu-se com base na atividade comercial, o que possibilitou a formação de outros setores de atividade econômica, que surgiam a reboque do desenvolvimento comercial que gerou todo um aglomerado urbano, e conseqüentemente a urbanização da cidade.

Quando consideramos que o padrão de acumulação então vigente propiciou o desenvolvimento da antiga Vila Nova da Rainha - Campina Grande - tendo como cerne deste desenvolvimento o incremento das relações comerciais entre o Município e as demais praças exportadoras do algodão, podemos compreender que a tese de que o desenvolvimento sócio-econômico campinense deve-se à posição geograficamente privilegiada do Município não explica tudo, ou seja este pensamento é limitado por não explicar a evolução econômica de Campina Grande em sua totalidade e complexidade. Afinal esta posição geograficamente privilegiada só é "privilegiada" por que o padrão de acumulação de capital em ação assim a define.

A estruturação das diversas atividades econômicas ocorre como conseqüência do crescimento demográfico e econômico do Município implicando em uma célere urbanização para Campina Grande. Crescimento fundamentado na atividade comercial, inicialmente do algodão e posteriormente de uma maior diversidade de mercadorias. Esta diversidade no comércio de mercadorias ocorre em substituição ao declínio das atividades mercantis algodoeiras, cujas possibilidades de continuidade das pe-



quenas empresas vinculadas ao algodão mostraram-se mínimas devido à implantação das grandes empresas beneficiadoras e exportadoras em conjunto com o declínio da atividade produtora no Nordeste e especificamente na Paraíba. Essa diversidade comercial ocorre gradualmente, conforme a diversificação do processo de produção na totalidade da economia.

A cidade do Recife muito influenciou o desenvolvimento e a urbanização de Campina Grande. Ambas mantinham entre si intensas relações comerciais. Campina Grande pode ser vista como uma espécie de filial do Recife, por exportar, através daquele porto, o produto base de sua economia - o algodão. Além de que as mercadorias não produzidas no Município vinham em sua maior parte do Recife, através dos comerciantes pernambucanos que se instalaram em Campina Grande visando participar das vendas realizadas no Município, como também ampliar a abrangência das vendas de suas empresas. Este intenso intercâmbio realizado entre as duas cidades somente foi possibilitado em sua magnitude pelo desenvolvimento das estradas e comunicações. A construção da linha férrea que interligava Campina Grande a Recife foi um dos principais fatores estimuladores dessas relações comerciais que se estabeleceram no início desta década e, conseqüentemente, do processo de formação urbanística do município.

Em resumo, pode-se considerar que o desenvolvimento sócio-econômico e o conseqüente processo de urbanização ocorrido em Campina Grande na primeira metade do século XX foi possível devido à influência dos determinantes externos, que incrementaram as atividades econômicas vinculadas ao algodão no Município. Sem as relações mercantis extra-regionais que se estabeleceram na primeira metade deste século, dificilmente o Município teria apresentado o dinamismo que evidenciou neste período. Essas relações mercantis crescem devido ao aumento da atividade têxtil no Nordeste e fora deste. O declínio da atividade têxtil na região em conjunto com o crescimento da produção do algodão em outras regiões repercutiu no nível de atividade econômica do Município, cujo cerne encontrava-se no beneficiamento deste produto. Os determinantes internos aparecem neste contexto como impulsionadores de um movimento cujo motor é externo, ou seja, os determinantes internos subordinam-se aos determinantes externos.

Na primeira metade do século passado, o Município conheceu como crise econômica apenas o declínio da atividade de beneficiamento e exportação do algodão, mas, concomitantemente a este declínio, ocorreu à diversificação de outras atividades, implicando em manutenção do crescimento da economia e do processo de urbanização.

## RESUMO

Esse ensaio se divide em seis partes. A primeira refere-se a essa introdução. A segunda procura apresentar a gênese histórica e geográfica do município, desde sua formação enquanto vila, com a atividade pecuária até o princípio do comércio algodoeiro. A terceira parte visa mostrar como o algodão surgiu e se consolidou como atividade econômica fundamental e quais os rebatimentos dessa atividade para a construção da hegemonia econômica estadual e a urbanização de Campina Grande. Vale ressaltar que Campina Grande assumiu nesse período a função de entreposto comercial de parte significativa do interior do Nordeste. O desenvolvimento comercial e econômico e a consolidação da estrutura urbana campinense são explanadas na quarta parte do trabalho. Por fim algumas breves considerações a título de conclusão e as devidas referências.

**Palavra-chave:** Urbanização, Comércio, Economia, Campina Grande, Paraíba, Nordeste.

## ABSTRACT

This assay if divides in six parts. The first one mentions this introduction to it. The second search to present historical genesis and geographic of the city, since its formation while village, with the cattle breeding business until I begin it of I deal it cotton. The third part aims at to show as the cotton appeared and if it consolidated as basic economic activity and which the strikings of this activity for the construction of the state economic hegemony and the urbanization of Campina Grande. Valley to stand out that Campina Grande assumed in this period the function of commercial warehouse of significant part of the northeast interior. The commercial and economic development and the consolidation of the campinense urban structure are spoken in the fourth part of the work. Finally some brief considerations the heading of conclusion.

**Word-key:** Urbanization, Commerce, Economy, Campina Grande, Paraíba, Northeast.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Gervásio B. **Campina Grande no Espaço Econômico Regional: Estradas de Ferro, Tropeiros e Empório Comercial Algodoeiro.** (1907 - 1957). Dissertação de mestrado em sociologia Rural - UFPB 1991.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande.** v. 2 . João Pessoa: A união. 1995.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** 15 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1977.

GUIMARÃES NETO, Leonardo. **Introdução à Formação Econômica do Nordeste.** Recife - PE - Ed. Massagana 1989.

LIMA, Damião. **O Processo de Industrialização via Incentivos Fiscais: Expansão e Crise em Campina Grande.** Dissertação de Mestrado em Economia Rural - UFPB - Campus II, Campina Grande - 1996.

MARIZ, Celso. **Evolução Econômica da Paraíba.** João Pessoa: União - 1939.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica a Economia Política.** Livro I, Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kotrhe. São Paulo: Nova Cultura. 1988.

PEREIRA, William E. N, **A Evolução Econômica de Campina Grande. Uma Avaliação da Economia Municipal a partir do Comércio.** Dissertação de Mestrado em Economia. Universidade Federal da Paraíba - 1998.

PMCG **Livro do Município de Campina Grande.** Gráfica municipal 1983.

\_\_\_\_\_. **Perfil do Município de Campina Grande.** Gráfica municipal. 1984.

PINTO, Luiz. **Synthese Histórica da Parahyba.** 1501 - 1938. João Pessoa: A União. 1938.

RIOS. José Arthur. (coord.) **Campina Grande: Um Centro Comercial do Nordeste**. Rio de Janeiro, SEC/SEPLAN, 1963.

SUDENE. **Suprimentos de Gêneros Alimentícios da Cidade de Campina Grande**. BNB/SUDENE Fortaleza -1962.

VASCONCELOS, Silvano Alberto de. **Ascensão e Queda da Economia Algodoeira em Campina Grande - Um estudo de caso (1907 - 1940)**. Dissertação de mestrado em Engenharia da Produção UFPB, João Pessoa, mimeo. 1980.